

## SANGUES PROFANOS EM CORPOS CASTOS: MULHER, MENSTRUÇÃO E MEDICINA NA AMÉRICA PORTUGUESA DO SÉCULO XVIII

Gessica de Brito Bueno (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Christian Fausto Moraes dos Santos (Orientador), e-mail: iamgessicabueno@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / DHI-Departamento de História, Maringá, PR.

### Ciências Humanas/ História

**Palavras-chave:** Menstruação, Medicina, Século XVIII.

**Resumo:** O conceito de ciclo menstrual foi se construindo, ao longo dos séculos, e incorporando significados concebidos a partir do imaginário social e religioso. Foi objeto de censura e, muitas vezes, de medo nos meandros da sociedade mineira na América Portuguesa do século XVIII. Esse tema recebeu atenção no manual de medicina setecentista Erário mineral (1735) do cirurgião-barbeiro português Luís Gomes Ferreira, que aborda o assunto e descreve como se deve tratar essas alterações fisiológicas. Deste modo, o objetivo desse projeto de pesquisa é compreender como a medicina estava organizada no setecentos e como ela concebia o sangue menstrual. A metodologia adotada pela pesquisa foi a descritiva, onde se fez o levantamento das descrições sobre a menstruação e seu tratamento, assim como, a metodologia explicativa, que procurou explicar tanto o conceito de menstruação no setecentos quanto compreender quais foram as outras teorias médicas sobre a menstruação.

### Introdução

Ao se considerar que o período setecentista foi, particularmente, ambientado por diversas “ciências”, onde tantos líderes religiosos, doutores, quanto as populações buscavam depositar sua crença em teorias que pudessem reger suas vidas, é possível aferir sobre o quanto o conceito de medicina naquele contexto estava confuso (COELHO, 2002, p. 168). Ao assinalar tal configuração, retomar períodos anteriores darão margem para apontar alguns cenários que contribuíram para que tal medicina se encontrasse tal qual como estava, agindo de modo a interpretar a menstruação como excremento venenoso.

A ideia de que as mulheres são volúveis e perigosas vem dos médicos gregos, visto que, o conceito acerca da fisiologia feminina começou a ser elaborado pelo médico grego Hipócrates (460 a. C.) (VIEIRA, 2002). Os registros afirmam que Hipócrates foi o primeiro a analisar o fenômeno da menstruação, e como na época não era possível examinar cadáveres

humanos, ele imaginava que o útero era formado por “inúmeras subdivisões e saliências, e que o seu interior contivesse tentáculos e ventosas” (CARVALHO e FALKENBACH, 2009). A Teoria Humoral formulada pelo médico grego Hipócrates (V a.C.) explicava que as condições da saúde estavam relacionadas com o equilíbrio dos humores corpóreos, ou seja, quando um dos humores entravam em desequilíbrio era necessário retirar esse excesso de fluido para o corpo retornar a seu estado saudável, como também, posteriormente, a teoria contou com os acréscimos do médico grego Cláudio Galeno (129 d.C. 210 d.C.), com a distinção dos temperamentos e personalidades.

Nas explicações da Teoria Humoral, contudo, a menstruação era um exemplo concreto de que a Teoria Humoral Hipocrático-Galênica funcionava, ela explicava sua lógica, a menstruação reforçou a crença de que a saúde consistia no fluxo livre dos fluidos, ela foi usada como exemplo para legitimar a teoria. Três ou quatro dias era o período em que se abria a veia do doente, ou da mulher com a menstruação atrasada, seja para fazer vir sua menstruação, seja para diminuir um fluxo sanguíneo que estivesse em excesso (READ, 2010). A Teoria Humoral se manteve até o período do setecentos, tendo alcançado essa longevidade por possuir um grande poder de explicação por estar conciliada com a experiência cotidiana, assim, ela alcançou sua coerência (PORTER e VIGARELLO, 2010, In: CORBIN, COURTINE e VIGARELLO, 2010).

Os portugueses trouxeram todo um sistema de normas para a colônia portuguesa, de caráter aristotélico e hipocrático-galênico (SILVA, 2019), a medicina do século XVIII na colônia mineira contava com a presença de poucos médicos, muitos cirurgiões, boticários, bem como, havia uma circulação do conhecimento por meio de tratados médicos, manuais de medicina, Lunários Perpétuos, esses últimos muitas vezes chamados de almanaques, utilizados por padres e alguns leigos, como curandeiros. (ABREU, 2011).

### **Materiais e métodos**

A fonte documental utilizada é o manual de medicina Erário Mineral (1735) do cirurgião-barbeiro português Luís Gomes Ferreira, a metodologia adotada pela pesquisa foi a descritiva e a explicativa.

### **Resultados e Discussão**

No manual de medicina do cirurgião português Luís Gomes Ferreira há diversos tratados referentes a medicamentos, ervas e boticas que faziam com que a conjunção, as condições de trabalho e sobrevivência alteravam a natureza da misteriosa conjunção das mulheres, porém os médicos e cirurgiões estavam em conformidade com a ideia de que se tratava de um sangue venenoso, um fluido em excesso, e que deveria ser colocado para fora quando chegasse o momento (FERREIRA, 2002, p. 422).

Gomes Ferreira (2002) chega a citar que seria necessário “desembaraçar o sangue mensal” (2002, p. 253) dentro do útero, o cirurgião enxerga a necessidade de se preparar um desobstruente para fazer circular melhor o sangue, ou melhor, fazê-lo descer (FERREIRA, 2002). Ele escreve que as mulheres negras tinham dores insuportáveis pela falta da conjunção, e, então, dava a elas “um frasco do medicamento desobstruente e uma purga de rum, com o que lhe veio o sangue e ficou sã (2002, p. 309)”.

A teorias médicas, então, encontradas até o momento, que procuraram explicar a menstruação, são três: a teoria da purificação ou catártico, que se trata da Teoria dos Humores que acaba de ser discutida no projeto, a teoria da pletora ou galenista, onde Claudio Galeno explica que a menstruação é um estado de pletora da mulher (ESTEVES, 2021). A teoria de galeno permaneceu sem enfrentar disputas epistemológicas até o século XVII, quando aparece a terceira, chamada de teoria da fermentação, com os iatroquímicos, onde esses associam a causa da menstruação ao processo de efervescência (READ, 2010). É importante salientar que uma teoria não desaparecia pelo surgimento de outra teoria, elas simplesmente passaram a disputar espaço no campo teórico médico, onde haviam seguidores que tendiam a considerar mais uma do que outra.

## Conclusões

Concluiu-se que no contexto do século XVIII existiram diversos personagens que buscaram explicar como ocorria a saúde e a doença, bem como, houve diversos campos do saber que se apropriaram do conhecimento do corpo humano para buscar formas de cura na região mineira na América Portuguesa. Como também, foi necessário fazer um recuo até o século V. a.C. para se compreender a Teoria Humoral contida nos manuais de medicina setecentistas, pois ainda estavam calcados em filosofias e terapias clássicas. As teorias médicas citadas que explicavam a saúde e doença, e, por extensão, a menstruação, são as que foram possíveis de se encontrar até o dado momento. Por meio delas foi possível perceber que o corpo da mulher sempre foi percebido, pela ótica médica, como um corpo irregular e defeituoso por sua própria fisiologia.

## Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador que esteve desde o início me direcionando e me corrigindo em cada passo que dei durante a produção dessa pesquisa.

## Referências

### Livros

ABREU, Jean Luiz Neves Abreu. **Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII**. Rio de Janeiro: Editora FIORUZ, 2011.

COELHO, Ronaldo Simões. **O Erário Mineral divertido e curioso: a arte de curar**. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). Erário Mineral de Luís Gomes

Ferreira. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. (Org) Carla Bassanesi. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

FERREIRA, Luís Gomes Ferreira. **Tratado III: Da miscelânea de vários remédios, assim experimentados e inventados pelo autor como escolhidos de vários para diversas enfermidades**. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

PORTER, Roy. VIGARELLO, Georges. **Corpo, saúde e doenças**. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. História do Corpo: Da Renascença às Luzes – Vol I. Petrópolis: Editora Vozes, 2010. VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

### Artigos

CARVALHO, Fabiana; FALKENBACH, Atos Prinz. **O histórico da menstruação e sua relação com a saúde da mulher**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - Nº 135 – Agosto. 2009. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd135/menstruacao-e-saude-da-mulher.htm>>. Acesso em: 2 de Jun. 2021

ESTEVES, Alexandra. **Alguns olhares sobre a menstruação**. *Ágora*. Estudos Clássicos em Debate 23.1, 2021. Disponível em: <<https://proa.ua.pt/index.php/agora/article/download/25051/17824>>

LASKARIS, Julie. **Error, loss, and chance in the generation of therapies**. In: Hippocrates in context. Org. JOHN, Scarborough. PHILIP, J. Van Der Eijk Ann Hanson Nancy Siraisi. Vol. 31. Brill Leiden – Boston .2002 Disponível em: < <https://b-ok.lat/book/974463/69185d?regionChanged>> Acesso em 8 de Jul. 2021.

READ, Sara. **Those Sweet and Benign Humours that Nature Sends Monthly': accounting for menstruation in early-modern England**. **Doctoral thesis**. 2010. Disponível em: [https://repository.lboro.ac.uk/articles/thesis/Those\\_Sweet\\_and\\_Benign\\_Humours\\_that\\_Nature\\_Sends\\_Monthly\\_accounting\\_for\\_menstruation\\_in\\_early-modern\\_England/9327668](https://repository.lboro.ac.uk/articles/thesis/Those_Sweet_and_Benign_Humours_that_Nature_Sends_Monthly_accounting_for_menstruation_in_early-modern_England/9327668) Acesso em: 05 de Jun. 2021.

SILVA, Luisa Stella de Oliveira Coutinho. **O saber médico e o corpo das mulheres no Brasil colonial: a tradição médica da metrópole na Capitania da Paraíba**. Ibero Americana XIX, 2019. Disponível em: <<https://journals.iai.spk-berlin.de/index.php/iberoamericana/article/view/2453>>.